

CEDI

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *26/6/80*

Class.: K2R.D0149

Data: 13 de Novembro de 1980

Pg.: \_\_\_\_\_

## Indigenistas condenam os julgamentos na Holanda

SÃO PAULO (O GLOBO) — Os sertanistas Orlando e Alvaro Villas Boas, este último delegado da Funai em Bauru, criticaram ontem a pretensão do Tribunal Bertrand Russel — a ser instalada na Holanda, no próximo dia 24 — de julgar a política de governos com relação a minorias étnicas, principalmente povos indígenas.

Os dois irmãos concordaram também que a Funai não deve permitir a ida do cacique xavante Mário Juruna — convidado pelo tribunal para jurado — alegando que o Governo brasileiro não reconhece aquela entidade, embora Orlando ressaltasse que "pessoalmente" não tinha objeção à viagem do chefe indígena.

Já Alvaro não admite a participação de Juruna:

— Além de o Tribunal Russel não ser reconhecido pelo Brasil, Juruna não é uma pessoa emancipada. Ele é índio e, como tal, sofre uma série de restrições; mas também possui uma série de regalias, como terra, assistência governamental, não paga impostos, não presta serviço militar. A Funai já ofereceu a Juruna a emancipação. Mas ele é esperto e não a aceita.

Tanto Alvaro como Orlando afirmaram que os europeus não têm condições morais para esse julgamento, devido à política colonialista adotada por vários países, em épocas anteriores.

— Os europeus estão esquecidos do fizeram?, indagou Alvaro, acrescentando em seguida: "Só no Congo Belga, mataram entre dez e 15 milhões de negros, no período de 1880 a 1910, como relata o livro 'Viagem ao Congo', de Andre Glide. Procurem nos livros de História as atrocida-

des dos ingleses na Polinésia, dos holandeses na Indonésia e dos alemães nos Camarões".

Orlando também lembrou "o peso que o imperialismo europeu impôs aos povos africanos durante séculos, sem que ninguém se preocupasse em julgá-lo".

### AMEAÇAS

O deputado Gilson de Barros (PMDB-MT) responsabilizou a Funai ontem, em Brasília, por "qualquer atentado" contra o cacique Mário Juruna, cuja vida corre perigo, na opinião do parlamentar oposicionista.

Ele acusou "grupos nazi-fascistas incrustados no Governo ou contando com a sua omissão ou beneplácito" de estarem "preparando alguma coisa contra Juruna". O deputado disse ainda que o cacique já manifestou seu receio diante da presença de estranhos rondando o edifício onde ele está hospedado.

### INFORMAÇÕES

O ministro Adhemar Raimundo, do Tribunal Federal de Recursos (TFR), em despacho, solicitou ontem informações ao ministro do Interior, Mário Andreazza, sobre o ato que proíbe o cacique xavante Mário Juruna de viajar para a Holanda, onde foi convidado a participar das sessões do Tribunal Bertrand Russel, no período de 23 a 30 próximos.

Juruna impetrou mandado de segurança junto ao TFR na última segunda-feira, pedindo a nulidade do ato do ministro do Interior, para poder viajar. Agora, o ministro Andreazza tem o prazo de dez dias, contados de ontem, para prestar as informações ao TFR sobre a proibição da viagem do líder xavante. Só então com estas informações é que o mandado de segurança, assinado pelo advogado Caló Lustosa, será julgado pelo TFR.

## Juruna em Haia

EM TODA a polêmica sobre a proibição de o cacique Juruna comparecer ao Tribunal Bertrand Russel, de Haia, uma questão ficou sem a devida resposta: em que sua participação nesse tribunal poderia beneficiar a causa indigenista no Brasil?

SEM NENHUM desdouro para a sua conhecida eloquência, o nosso Juruna empenha-se em concretizar uma aventura de desfecho imprevisível. Corre o risco de transformar-se em uma "avis rara" diante de um auditório europeu geralmente ávido de coisas exóticas.

O CACIQUE Juruna seria uma atração a mais para uma certa espécie de intelectual europeu que costuma se comportar como se necessitasse pagar os pecados da colonização empreendida por seus antepassados.

## Expedição da Funai faz contato com índios vau-vau

PORTO VELHO (O GLOBO) — O primeiro contato com índios uru-eu-vau-vau, no município de Ariquemes, em Rondônia, ocorreu no final da tarde de sábado, mas não foi muito amistoso: os vau-vau atacaram a flechada do índio intérprete da Funai.

Mas o sertanista José Bell, chefe da expedição, acha que não foi tão ruim o contato. Argumentou que eles dispararam apenas para intimidar e isso é um sinal que aceitam a proposta de contato. As flechas serão devolvidas aos vau-vau.

## Funai conclui reunião sobre Parque do Xingu

BRASÍLIA (O GLOBO) — A criação de um conselho diretor para assessorar a administração do Parque Nacional do Xingu — formado por um lingüista, um antropólogo, um médico, um ecólogo e um sertanista — foi uma das principais sugestões apresentadas ontem pelos participantes do primeiro seminário sobre o Parque, como conclusão de dois dias de estudos.

Os grupos de estudos foram divididos em cinco áreas — saúde, desenvolvimento comunitário, aspectos culturais, aspectos de educação e problemas administrativos do Parque — contando com a participação de antropólogos, representantes da Escola Paulista de Medicina, da FAB e dos departamentos da Funai.

O antropólogo Olímpio Serra, ex-diretor do Xingu, e o cientista José Hirata, da Escola Paulista de Medicina, redigiram um documento dizendo que a Funai, como preocupação imediata, "deve buscar entendimentos com a IV Zona Aérea, visando a suspensão dos treinamentos militares no Parque, bem como a desativação do Destacamento do Jaca-

ré, também dentro de área indígena".

Olímpio Serra observou que esta atitude deve-se ao fato de que, mesmo sendo um órgão governamental, a FAB não é um órgão indigenista e não deve, portanto, permanecer entre os silvícolas.

O comandante do Parasar, coronel Roberto Câmara dos Guarany, por outro lado, disse que não tinha nada a declarar sobre o pedido, embora não guardasse nenhum rancor dos autores. Observou, no entanto, que os índios nunca tiveram nada contra a presença da FAB na área.

O grupo sobre aspectos de educação, ao sugerir um levantamento sócio-étnico lingüístico por um conselho diretor, apresentou três deficiências na atual administração:

"A interrupção do projeto piloto de educação bilingüe no Posto Indígena Leonardo, que foi realizado apenas de 1976 a 1978; a descontinuidade e a falta de apoio da Funai, nos últimos anos, à investigação lingüística, fundamental para a educação bilingüe; e a falta de acompanhamento da Funai nos projetos lingüísticos pedagógicos".